



Director literario:  
*António de Almeida*  
 PAPIM

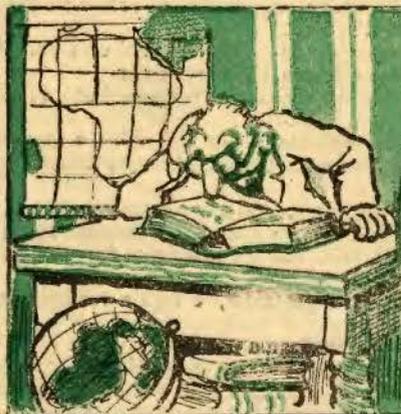
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

Director artistico:  
*Eduardo de Almeida*  
 PAPUSSE

## JEREMIAS BARZAUM

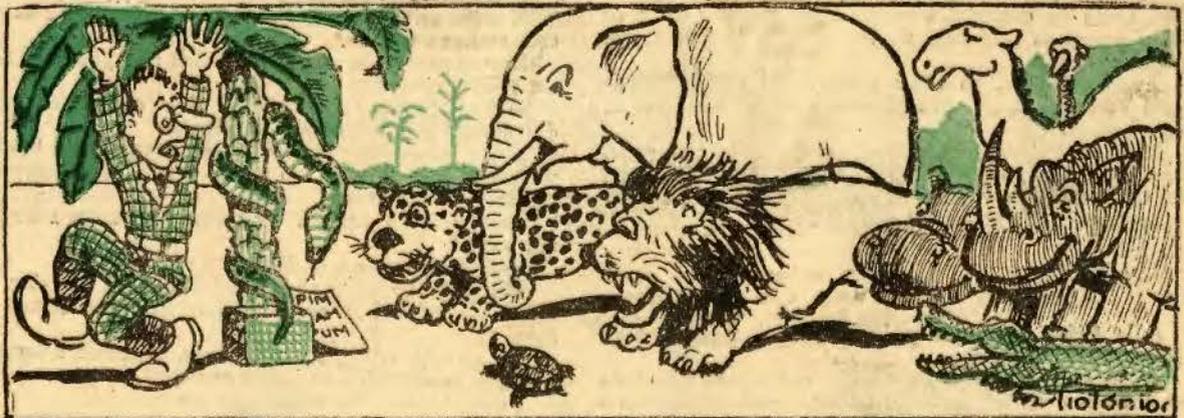
amigo do «Pim-Pam Pum»



Jeremias Barzaum,  
 geólogo e numismata,  
 era um grande entusiasta  
 pelo nosso «Pim-Pam-Pum!»

Farto das terras mundanas,  
 e ansioso por viájar,  
 resolveu ir estudar  
 as parágens africanas.

Eis na Guiné Barzaum,  
 á sombra da bananeira,  
 com expressão prazenteira,  
 a lêr o seu «Pim-Pam-Pum!»



Porém, de choque, ó que espiga  
 vê meia dúzia de feras:  
 hipopótamos, panteras  
 tigres, leões duma figa!

Mas não ha f'ridos nem mortos;  
 não lhe fazem mal algum!  
 a lerem o «Pim-Pam-Pum»  
 ficam-se os bichos absortos.

# Mentiras que Deus perdoa

POR

Fernando A. Simões

:: Desenhos de Tiotónio ::

(Continuação do número anterior)

**P**OREM, na idade-contemporânea, isto é, naquela em que vivemos, esta maneira de pensar desapareceu completamente, e embora existam ainda analfabetos, primeiro do que todos, têm eles a consciencia da sua vergonha, e procuram escondê-la o mais possível.

Sendo assim pequenos leitores (e que este nome vos encha de alegria, pois é a prova de que sabeis lêr), sendo assim, como ia dizendo, não deveis estranhar que a Valéria fôsse completamente impossível o decifrar as palavras que aquellas folhas de papiro continham.

O resto da tarde e a noite que se seguiu, foram de cruel angustia para Cláudia e Laonte aquem aquella havia contado tudo.

Os dois pequeninos temiam, pela sua sorte, pois que os aterrorava o castigo que o seu senhor não deixaria de lhes dar quando visse que aqueles papeis era de cristãos, mas também, mais ainda talvez, pelo desenvolvimento do cristianismo, pois receavam que aqueles rolos de papiro contivessem alguma declaração de importância.

Felizmente tal não sucedia, e se é verdade que para os cristãos aquelles papeis eram importantísimos, para os pagãos a sua importância era nula, pois não perceberiam do que se tratava, porque os papeis nada de preciso indicavam, e estavam escritos duma forma vaga que se prestava perfeitamente a duas interpretações.

Infelizmente os dois pequenitos ignoravam isto, e a noite que passaram, ou quasi sempre acordados ou tendo horribéis pesadelos nos poucos minutos que dormiam, foi terrível.

No dia seguinte, Cláudia e Laonte haviam-se levantado cedo, como de costume, e correram presurosos a servir os seus pequeninos senhores, na ância de se lhes tornarem agradáveis.

Apenas Valéria, ao vêr a perturbação de Cláudia, se sorria com uns modos que gelavam o sangue nas veias da juvenil grega.

A tarde, Valéria e o irmão saíram de liteira com o pai, quando voltaram, um escravo veio ao quarto de Cláudia preveni-la de que o seu senhor a esperava no átrio, e seguindo-lhe na mão, arrastou-a após elle.

Aulo Gláucio, era um poderoso patricio romano muito das boas graças de Nero.

De índole generosa, o seu coração, que na sua mocidade era, brando e afável, havia-se tornado lentamente, duro e rispido, perante as scenas de barbarismo que por toda a parte presenciava.

Os seus dois filhos haviam-lhe preenchido o vácuo que sua esposa lhe deixara no coração, e não havia capricho algum que lhes não satisfizesse.

Não obstante haver-se-lhe já endurecido o coração, tinha muitas vezes, rasgos de generosidade que assombavam os amigos.

Para que tal succedesse era necessário que estivesse muito bem disposto, de «bom humor».

Por infelicidade, estava numa das suas occasiões de mau humor quando mandou chamar Cláudia, e tudo indicava seria a infeliz menina quem lhe pagaria a indisposição.

Quando ela chegou, Aulo Gláucio, rodeado dos seus dois filhos, passeava dum lado para o outro, muito agitado. Julgando que aquella cólera era devida aos rolos de papiro, Cláudia estremeceu.

No entanto, com grande espanto seu, foi com voz quasi carinhosa que Aulo Gláucio lhe perguntou:

— Cláudia, onde descobriste os pergaminhos que Valéria te tirou?

Mas como não soubesse o que responder, e receasse a todo o momento traír o seu segredo, Cláudia conservou-se munda.

— Não ouves? perguntou Valéria elevando a voz.

— Vejamos? Porque não queres tu responder? perguntou ainda Aulo Gláucio, vendo que a única resposta da escrava era o silencio.

Alguns segundos se passaram, e logo a voz irritada de Valéria bradou:

— E' demais! Respondes ou não?

Apenas a despreocupação de Aulo Gláucio, que dava occasião a que os filhos procedessem como quizessem, poderia admitir que elles falassem assim na sua presença.

Mas, ou porque o tom de voz de sua filha o fez irritar, ou porque algum pensamento amargo lhe atravessou a mente, Aulo Gláucio, crescendo para a jóven grega que estremeceu e trânsida de medo, recuou, bradou com uma voz que causava calafrios:

— Ah! Tu não queres responder? Está bem!

E pegando num martelo de prata, deu com elle uma pancada sonora no gong.

Sporus entrou, e ao vê-lo, Cláudia não pôde reprimir um estremeccimento.

— Ah! Tremes? Teas medo? Pois então dize. Onde descobriste tu aquelles rolos de papiro?

Como temos visto, Cláudia tinha uma enorme força de vontade, e a despeito do medo que tinha conservou-se calada.

Aulo Gláucio esperou um momento, e como a resposta não viesse:

— Sporus, leva-a e da-lhe vinte açoutes.

Um grito de terror se escapou dos lábios da pobre menina: ela sabia bem como era terrível aquelle castigo dos açoutes.

Ao ouvi-la gritar, Aulo Gláucio, voltou-se vivamente, talvez ja arrependido da ordem que dera.

— Por Jupiter! Se não queres apanhar, fala!

Ainda desta vez a resposta foi o silencio; desesperado, mal podendo admitir que uma miserável escrava lhe resstis-se daquela maneira, ordenou:

— Leva-a, e da-lhe vinte e cinco.

Neste momento abriu-se violentamente uma das portas,

Laonte entrou, e correndo, dirigiu-se a Aulo Gláucio, aos pés de quem, ajoelhou.

— Perdôa-me, senhor! Os pergaminhos... são meus!

— Teus! perguntou Aulo Gláucio, num tom de voz que indicava perfeitamente a indiferença que lhe causava o serem dum ou doutro.

— Sim, nobre Gláucio!

— E onde os descobriste? Dize-me, por Polux, visto que me parecias mais resolvido a falar que tua irmã.

«Por Venus! Creio que as mulheres são ainda mais teimosas que os homens.

Laonte respirou fundo; hesitou um momento, como se lhe custasse o resolver-se a mentir, mas depois, encolheu os ombros e começou:

— Escuta senhor! No mercado aonde me costumava mandar com os outros escravos, há um vendedor de fruta ao qual todos os dias compramos parte da sua mercadoria. Um dia, numa questão que tivemos, êle atirou-me com uma laranja à cabeça, e eu, por vingança, roubei-lhe estes papeis, julgando que lhe fariam falta. Como não sei ler, e ignoro portanto o que contem, não mais lhes liquei importância. Ontem perdi-os, e se tua filha os encontrou nas mãos de Cláudia, é porque ela os achou, e estaria talvez vendo o que era.

— Duzentas chibatadas! Duzentas chibatadas!

«Não queremos ladrões em nossa casa! exclamou Lepido, irmão de Valéria, que se conservava calado enquanto a questão fôra com Cláudia, mas que se intrometêra logo que nela entrou Laonte.

Aulo Gláucio passeava pelo aposento; os seus pensamentos pareciam ter abrandado, pois estava mais tranqüilo.

Ao ouvir a exclamação de seu filho, levantou a cabeça e fitou o tecto, como se o seu pensamento andasse por muito longe; depois encolheu os ombros e murmurou:

— Sim, tens razão! Algumas chibatadas ensiná-lo-ão a não roubar aos outros, o que aos outros pertence, mas duzentas é muito. Cincoenta bastar-lhe-ão.

«Sporus, leva Laonte e dá-lhe cincoenta vigorosas chibatadas.

«E agora meus filhos, vão preparar-se, pois estamos esta noite convidados para um jantar em casa de Diómedes, donde não voltaremos senão amanhã.

E preparava-se para sair, quando se sentiu agarrado por uma das pregas da toga.

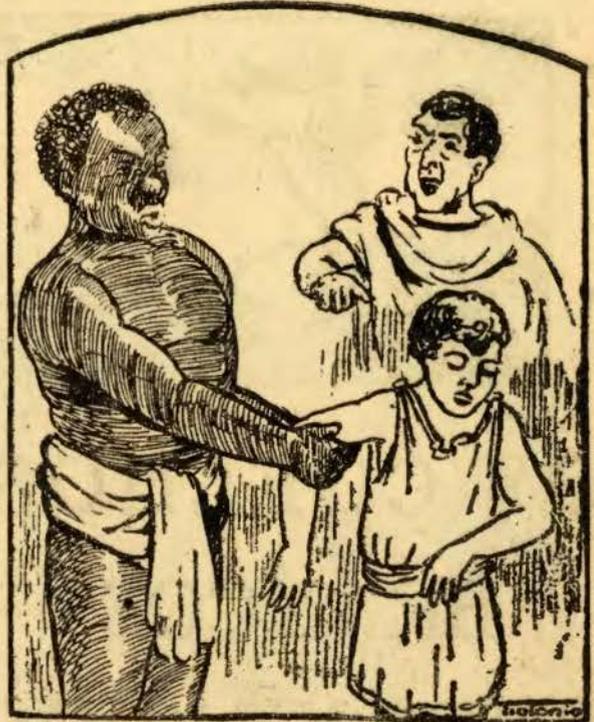
— Que é? Que mais temos? Quererás tu para ti algumas das chibatadas que pertencem a teu irmão? Por todas as Fúrias! Sem dúvida que as merecias. Ensinar-te-iam a não ser tam calada quando é preciso falar! exclamou êle ao vêr que era Cláudia.

Esta, quere falar, gritar que seu irmão está inocente, que tudo quanto êle disse fôra apenas uma mentira para a salvar a ela, mas ai! a angústia de que está possuída oprime-lhe a voz, e não consegue fazer ouvir um único som.

Sentindo o terror apossar-se dela, vê o seu senhor sacudi-la rudemente e afastar-se com seus filhos sem retirar a ordem que dera a Sporus, o qual partira já, levando seu irmão, para lhe dar as cincoenta injustas chibatadas.

E ela, muda de dôr, pensando no tormento que seu irmão irá sofrer, fica-se ali, torcendo os braços e chorando convulsivamente.

Súbito, tem uma inspiração. Corre, abre uma porta, precipita-se por um corredor, empurra os outros escravos que lhe estorvam o caminho, e vai direita ao jardim. Mas ai, mau grado seu, pára; ao longe ouviam-se ruidosas gargalhadas, soltadas decerto pelos escravos que assistiam ao suplício de seu irmão, pois que por entre os risos se ouve de quando em quando o ruído compassado duma chicotada,



Leva então as mãos ao coração, para evitar que êle estale, levanta os olhos ao céu, como que a pedir misericórdia ao seu Deus, e cai inanimada...

Maior ainda do que êste, era o tormento que Laonte passava. O bom rapazinho que para salvar sua irmã afrontara as iras do seu senhor, quasi nem sentia a dôr física que lhe causavam as chicotadas, tanto o afligia a dôr moral, ao pensar na mentira que pregára.

Muitas vezes, ouvira êle dizer a Pedro, naquelas reuniões nocturnas em subterrâneos húmidos e frios:

— Meus filhos: acima de tudo, mais ainda do que a nós próprios, devemos amar a verdade!

«Não mintamos jãmais, ainda que a verdade nos magôe, pois só com a verdade, e o amor a Deus, conseguiremos ganhar o Céu!

Estas palavras martelavam cruelmente o cérebro do bom Laonte, que chorava pensando que por ter mentido era indigno da religião que adoptara, pois um bom cristão não deve nunca mentir...

... E nessa noite, ante os olhos espantados e compadecidos de algumas dezenas de escravos, um rapazinho duns 12 anos de idade, levando pelas costas um manto que devia ter sido branco, mas que estava já vermelho devido ao sangue que delas escorria, ajoelhava perante o apóstolo Pedro, e por entre copiosas lágrimas, supplicava-lhe que lhe perdoasse por ter mentido pela vez primeira, desde que abraçara a religião de Cristo.

F I M



# OS COELHOS BRANCOS ENCANTADOS

POR ILDA CANDIDA REIS DE SOUZA

: : DESENHOS DE TIOTÓNIO : :



**H**AVIA, em tempos remotos, um rei muito poderoso, que tinha uma filha de beleza extraordinária.

A princezinha tinha por costume, ir tomar banho num tanque situado ao fundo do seu jardim.

Mas, um dia, em que estava, como de costume, tomando o seu banho, viu ao pé de si uma porção de coelhos brancos. Com uma das suas ligas de ouro,

prendeu um coelho e foi acabar de se vestir. Quando voltou, já não encontrou o coelho, que tinha fugido, levando consigo a liga, pelo que a menina ficou muito triste.

Quando, no dia seguinte, também estava tomando banho, tornaram a aparecer os coelhos, prendendo um, como na véspera, com a outra liga dourada. Acabando de vestir-se, voltou para levar para casa o coelho, verificando que também desaparecera como o outro.

Chorou muito de tristeza, mas, desejosa de novamente se encontrar com os coelhos, tornou no dia seguinte ao tanque do jardim.

Como nos dias anteriores, apareceram inúmeros coelhos, e a princezinha, não podendo resistir à tentação de possuir um, prendeu-o com um cordão que trazia, mais bem seguro que os outros.

Qual não foi, porém, o seu espanto, ao ver que também conseguiu pôr-se em fuga, levando o cordão.

A menina sofreu um tão grande abalo, que deixou de falar, com grande surpresa de seu pai e de toda a corte, que ignoravam a causa deste fenómeno.

O rei, seu pai, mandou deitar pregão por toda a parte, dizendo que, quem conseguisse fazer falar a filha, se fosse homem, casaria com ela e, sendo mulher, lhe daria tudo quanto quizesse, em dinheiro ou haveres.

Vieram pretendentes de toda a parte, mas, por mais que fizessem, nada conseguiam.

Até que a notícia chegou a uma velhinha que morava no alto da serra e que prometeu, fazer falar a menina. Caminhos até ao palácio, mas, como era muito trôpega e via pouco, perdeu-se, indo por outro caminho até muito longe.

Já era sol-posto, e, tendo-se escondido atrás de uma lage, viu chegar uns soldados que intimaram: — Abre-te pimentão!

Imediatamente a lage se afastou, deixando a descoberto um buraco por onde os soldados se meteram.

A velhinha fez o mesmo, e, entrando, viu um burro verde, com umas cangalhas verdes e uns cântaros verdes.

Disse, de si para si: — Já tenho que contar à princezinha. Mais adiante, viu uma meza posta com muitas fatias de pão. Como estava com fome, tirou uma.

Andando, encontrou um caldeirão, cheio de caldo, ao lume. Ia para molhar a fatia, mas uma voz se ouviu: — Não mexas no que não te pertence.

Foi andando e viu um quarto com um leito muito bem arranjado e aberto, como que esperando que alguém se deitasse.

A velhinha, como estivesse cansada, deitou-se debaixo do leito e adormeceu.

Altas horas da noite, foi despertada pelo barulho que faziam muitos coelhos brancos ao entrar no quarto.

Um deles, despiu a pele de coelho e imediatamente se



transformou num lindo príncipe. Lavou-se, e, sentando-se na cama, disse estas palavras :

—A liga, a liga, o cordão, o cordão,  
Quem me dera a vossa dona  
Que me prende o coração.

Repetiu isto tres vezes e deitou-se. No dia seguinte, tornou a vestir a pele de coelho e partiu.

A velhinha, que tudo vira, logo se dirigiu ao palácio, chegando lá ainda muito cedo.

Pediu licença para entrar às sentinelas.

Estas fizeram muita troça da velhinha, pois tantas pessoas que tinham vindo, não tinham conseguido nada e queria ela agora, fazer falar a menina.

Mas, tanto insistiu, que a deixaram ir até ao quarto da doentinha.

Começou por contar que num buraco tinha visto um burro verde com cangalhas verdes e uns cântaros verdes. Logo que isto ouviu, a princeza deu uma gargalhada.

Depois tirou a fatia de pão que queria molhar no caldeirão e contou o que sucedera. A menina riu ainda muito.

Quando, finalmente, falou nos coelhos brancos e na scêna que observara de debaixo da cama, a princeza deu um grito de alegria e começou logo a falar muito, pedindo com instancia que a deixassem ir com a velha imediatamente.

O rei pôs um coche às suas ordens, partindo as duas logo em seguida.

Quando já iam longe, o rei, pensou, então, que a velha

talvez fosse alguma feiticeira e mandou os soldados em sua perseguição.

Chegando ao pé da lage, a velha disse como ouvira já :

—Abre-te pimentão!

E, quando esta se afastou, entraram pelo buraco.

Os soldados, que já não chegaram a tempo, puzeram-se a dizer à lage :

—Abre-te cravo cabecinha, abre-te noz moscada, abre-te colorau! Mas, não atinando com as palavras, foram-se embora, muito desanimados.

Por sua vez, a menina e a velha viram, logo que entraram, o burro e as cangalhas verdes. Foram seguindo e viram a meza posta, depois o caldeirão e, por ultimo, o quarto onde elas se meteram, debaixo da cama.

Os coelhos chegaram, e, um dêles, o mais bonito, tirou a pele, e disse as palavras que já se sabem :

A liga, a liga, o cordão, o cordão,  
Quem me dera a vossa dona  
Que me prende o coração.

A princeza, não podendo conter-se, saiu de debaixo da cama e disse, doida de alegria :

—Estou aqui, coelho branco!

Caíram nos braços um do outro, chorando de alegria. Estava quebrado o encanto.

Os outros coelhos transformaram-se em rapazes perfeitos, o caldeirão num palacio, o burro verde num exercito e a grande cova da lage, num reino como era anteriormente.

Tempos depois casaram, vivendo muito felizes em companhia da velhinha, que ainda viveu muitos anos.



# A Fada do Bem e a Fada do Mal

Por Francisco Leon de Castro — Desenhos de Tiotónio



A longe, muito ao longe, no horizonte ia despontando o sol, e já Manuel, o pastorinho, seguia com seu rebanho pela estrada fóra em direcção á colina,

Aí, enquanto as ovelhas pastavam, estendia o seu jaquetão sobre a relva e com a sua flauta entoava as várias melodias da aldeia.

Quando chegava a noite contava as ovelhas e seguia outra vez para o curral.

Uma tarde, estando Manuel tocando uma ária, ouviu um cântico suave que ia aumentando á maneira que Manuel deixava de tocar a sua flauta.

Manuel, voltando-se para o lado donde vinha a voz, viu a imagem duma mulher com lindas vestes, o rosto era lindo os olhos brilhavam muito e um grande trança de cabelos pretos, chegava-lhe a meio das costas.

— «Manuel (disse a fada) vem comigo para a cidade. Abandona a vida de guardador de gado e torna-te um verdadeiro homem civilizado. Abandona essa vida de pastor. Deixa o teu humilde e nauseabundo curral onde dormes junto com o gado, e vive nos grandes hotéis onde só reina a alegria. Vem Manuel, vem. Deixa já aí o gado e vem comigo! ...»

Manuel começou a pensar que queria aquela mulher que assim lhe falava.

Passados alguns instantes, respondeu:

— Não, não vou. Prefiro a vida de guardador de gado á vida das grandes cidades. Não, não quero trocar o sossego da minha aldeia pelo bulício da cidade.

— Vem Manuel vem, tornou a fada. E' muito melhor estares sentado num sofá, sem ralações, com criados a servir-te, do que estares ao serviço dos outros.

A fada do mal fantasiou tantas coisas ao pobre Manuel, que este acabou por ceder e seguiu com ela para a cidade deixando o gado, o jaquetão e a flauta abandonados naquela colina onde ele passou tantas horas alegres.

Passados dias, já Manuel era outro.

Vestia elegantemente e frequentava os cafés, os clubs e os teatros.

Muitas vezes quando recolhia a casa, altas horas da noite, já ia embriagado.

Levava a vida de um verdadeiro boémio. Cheio de vícios, êle que era tão saudável, começou a emagrecer e a tornar-se fraco.

Em breve se aborreceu daquela vida.

Uma vez começou a meditar e a dizer para consigo.

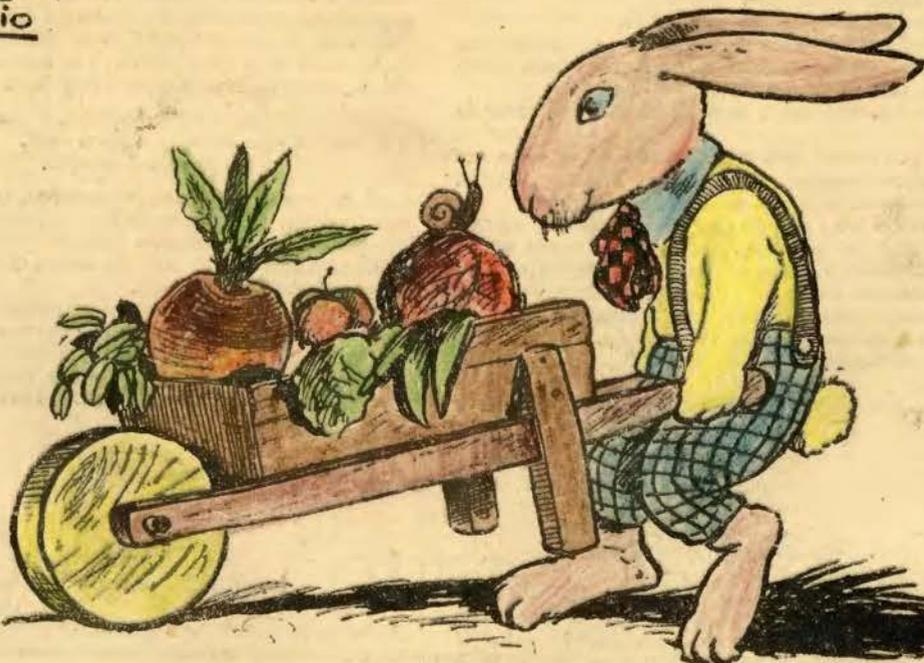
— Mas que vida esta! Eu que sempre trabalhei e vivi á custa do meu trabalho, estou agora sentado numa poltrona sem trabalhar e vivendo á custa duma fada que me quiz tirar desta vida do bem para me meter nesta vida de boémio.

E, de cabeça baixa, ainda mais melancólico, lembrava as horas de alegria que passava quando estava na colina

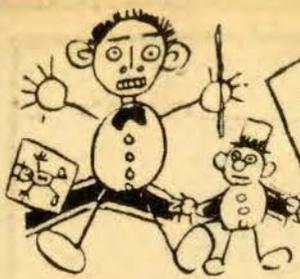
(Continua na página 8)

## PARA OS MENINOS COLORIREM

Tiotónio



COELHINHO VEM DA HORTA



# Desenho Infantil -

por TIO TÓNIO!

## PRIMEIRO CONCURSO DE DESENHO INFANTIL

**F**OI muito lisonjeiro o resultado do 1.º concurso de Desenho.

De toda a parte elogiaram esta iniciativa do «Pim-Pam-Pum», o que demonstra, da parte dos seus leitores, o interesse que o jornalinho lhe merece.

Alguns, porém, tomaram num errado sentido as condições do concurso, copiando em absoluto os modelos anteriormente publicados.

Esses modelos, serviam de exemplo para a execução dos vossos trabalhos, e nada mais.

Tambem não aconselhamos que fizessem os trabalhos mal feitos. O que queríamos apenas, era que, cada um, segundo os seus recursos artisticos, desenhasse um, ou mais modelos do natural e não copiasse uma estampa, fosse ela qual fosse.

Não queremos fazer com as lições uns artistas exímios.

Limitamos as nossas ambições a ministrar aos jovens desenhadores, as mais elementares regras de desenho, exemplificando-as com modelos ao seu alcance.

Pelo resultado alcançado por este primeiro concurso, é de prever um maior entusiasmo pelos concursos que se seguem, pois o assunto é menos ingrato.

Não é asneira colocar um pequenito de poucos anos em frente de um modelo, para que ele o represente no papel, segundo as suas fracas aptidões.

São tão apreciáveis esses desenhos como outros quais-

quer, pois, tendo em vista a idade, revelam já muitas qualidades de observação.

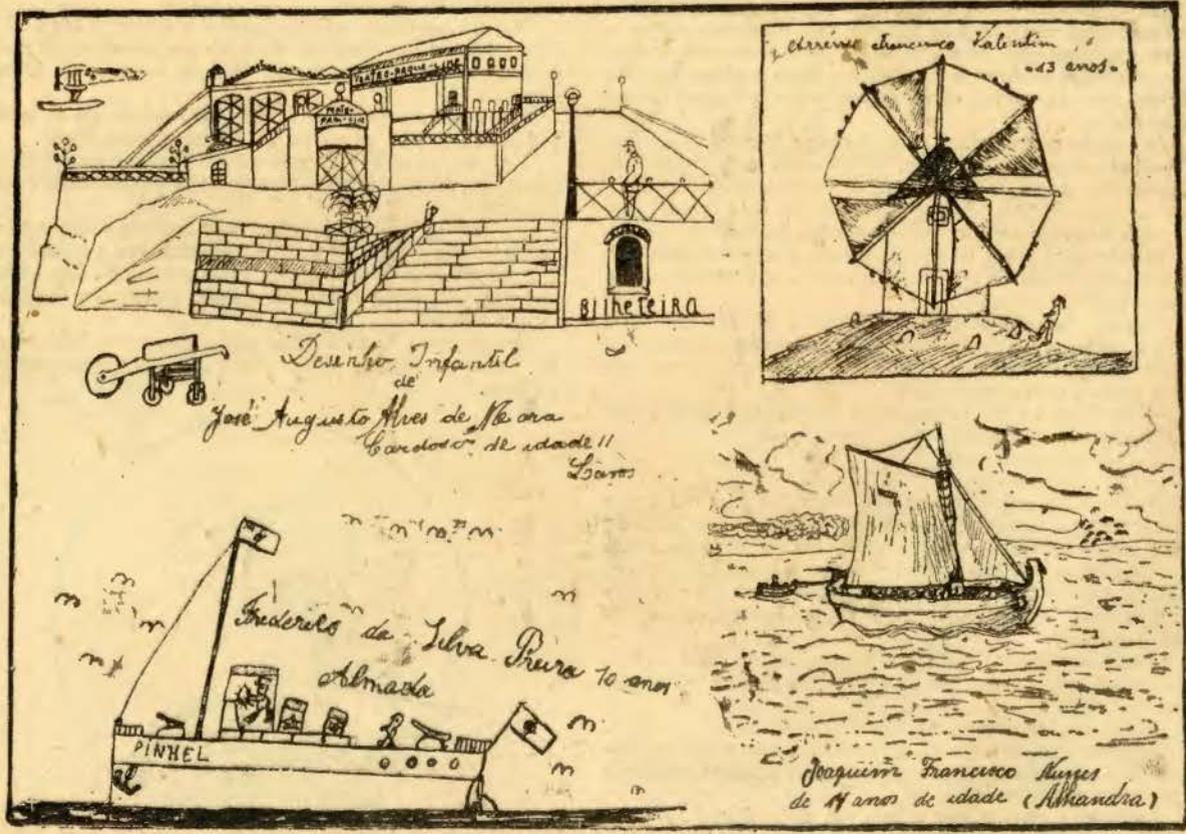
Até encerrarmos o concurso, estavam inscritos os trabalhos dos seguintes leitores:

Constantina Palmeiro Gomes, Mariana Simões Lopes, Ressurreição Agostinho, Artur Eduardo Santa Barbara, José Frederico Bénard Guedes, Maria Henriqueta Bénard Guedes, Américo da Gloria Patricio, Carlos Gama, Felicia de Jesus Batista, Francisco Alberto Teixeira, Inocencio Galvão Teles, Joaquim dos Reis Santos, Afonso de Magalhães Dantas Gama, Manuel Augusto Valentim, Alfredo José Lopes Moreira, Jaime Carmo Amorim de Macedo, Duarte Carvalho Vieira, Joaquim A. R. Salema, Abilio Ribeiro de Moura Jerónimo Marques Moura, Maria do Ceu Quirino da Fonseca, Antonio Fradinho Calvario, Elisio Julião Limpo de Lacerda, José Encarnação Baranha, Dinah Guedes da Piedade, Vasco Pinho e Costa, José Rodrigues Cercas Junior, Arlette Maria Caldeira da Costa, J. Vaz Saraiva Máximo, Mario Alves, Joaquim Pinada Silva, Franklin José Marques, Maria Amélia Ferreira dos Santos, Adosinda Rafael Vieira, Manuel Rodrigues de Almeida, Arminio Gloria Silva, José Augusto Carvalho, Americo Varela Geraldo, Virgilio Tavares da Fonseca.

Foram excluidos do concurso dezenas de desenhos que não estavam nas condições os quais, caso mereçam, serão publicados.

No proximo numero daremos a decisão.

### Colaboração infantil

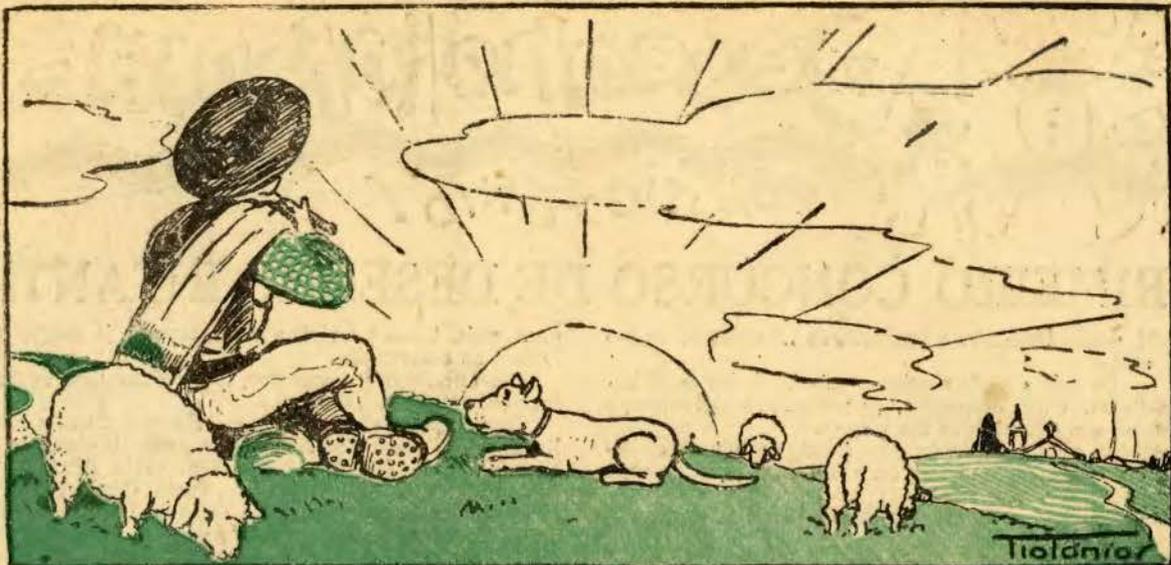


Desenho Infantil de José Augusto Alves de Moura 6 anos de idade (Lisboa)

desenho de um moinho de vento de 13 anos

Frederico da Silva Pereira 10 anos Alameda

Joaquim Francisco Nunes de 14 anos de idade (Alameda)



(Continuação do conto A FADA DO BEM E A FADA DO MAL)

guardando o gado tão interessante quando algum cordeirinho mais endiabrado saía de junto d'ele e corria pela colina levemente acidentada obrigando-o a persegui-lo.

Assim como relembrava as horas alegres da colina, lembrava-se também do tempo que a maldita fada o faz passar na cidade. O rumor constante do «boulevard» e o vai-vem das carruagens irritavam-no.

Mas a sua infelicidade repentina pedia-lhe concentração de espírito longe do ruído ensurdecedor das ruas.

Não, não podia ser; iria outra vez para a aldeia e pediria desculpa ao patrão do mal que tinha feito e continuaria a sua alegre vida, agora interrompida por uma fada que era nem mais nem menos, do que a fada do mal. E Manuel continuava triste e cabisbaixo.

Levantou-se sobressaltado e viu com grande espanto que o fumo do cigarro que estava fumando se transformava numa mulher. Esta mulher não trajava tão ricamente como a outra mas era mais linda. A jovem apresentava-se vestida com um traje modesto mas elegante. Tipo moreno, cabelos côr de aza de côrvo, olhos negros como a treva e lábios carminados.

Depois de contemplar por largo tempo Manuel, disse-lhe: — Sei porque estás triste. Se quizeres tornar outra vez para a tua aldeia, diz-me que eu conduzo-te a essa terra que tu trocaste pela cidade, enlevado por essa mulher que só faz a desgraça aos pobres e ingenuos pastores da aldeia.

«Torna para junto da tua namorada que tu deixaste sem te despedires dela e retoma outra vez o teu trabalho rude mas honrado.

Manuel ficou pensativo. Que fazer? Tornar outra vez para a aldeia era o melhor caminho que tinha a seguir, mas como estivesse ainda hesitante julgando que esta nova fada fôsse como a outra, respondeu:

— Quem sois vós? Talvez outra infame que tenta guiarme para maus caminhos...

A fada retorquiu-lhe:

— Não. Eu sou uma simples fada.

«Outrora eu era uma criatura como qualquer outra mas por abandonar a casa de meus pais fui muito infeliz. Hoje que tomei o caminho do bem, não quero que os outros sejam tão desgraçados como eu fui. Manuel, a história da minha vida é muito longa e por isso só te conto como me encontro aqui e para tu não julgares que eu sou igual à outra fada que te seduziu.

«Uma ocasião, estando eu no jardim da minha casa, senti uma mão pousar-me na cabeça, ao mesmo tempo que uma voz dizia:

— Menina, tu és muito infeliz. Nunca saís daqui. Olha, se quizeres vem comigo, eu levo-te para uma cidade muito bonita. E começou a descrever-me coisas extraordinárias de que já me não recordo.

Encantada com o que a fada me dizia, deixei-me levar por ela e abandonei a casa de meus pais.

Escusado será dizer que vivi uma vida de boémia, semelhante à tua, e que, por fim, me veio a aborrecer.

Um dia puz-me a pensar: — que vida que eu levo! A vida de uma desgraçada! E, triste, recordei-me dos meus pais, que talvez tivessem morrido de desgosto e resolvi voltar a minha casa.

Então encontrei uma velhinha a quem pedi conselho e ela respondeu-me: — dou-te o conselho que pedes e mais alguma coisa: o condão de saberes a vida dos outros. Quando souberes que alguma pessoa foi iludida por essa mulher que te enganou, dar-te-hei o poder de a avisar e de fazer com que essa pessoa regresses à vida do Bem. Comprendes agora, Manuel, porque me encontro aqui?

— Compreendo e sigo o teu conselho. Torno para a minha aldeia e para junto da minha Maria, se ela não tiver já morrido de desgosto.

No dia seguinte voltou o pastor à aldeia, à casa do patrão, pedindo-lhe desculpa da falta que cometera. O patrão perdoou-lhe e consentiu que Manuel entrasse de novo ao serviço.

Manuel ficou radiante de alegria e depois de se ter despedido do patrão foi a casa de sua namorada Maria.

Mas aí só recebeu desilusões. A pobre pequena, julgando que Manuel tivesse morrido, não pôde resistir a esse desgosto...

No dia seguinte foi outra vez pastar as ovelhas para a colina e foi com grande gaudío que começou a brincar com as ovelhas. Mas faltava-lhe outro entretenimento. Era a flauta de cana. Arranjou outra facilmente, e começou tocando as várias canções.

Assim como Manuel tinha pôsto à primeira fada o nome de Fada do Mal, o pastor pôs à segunda o nome de Fada do Bem.

